

## EXPLORANDO AS “MICROAVENTURAS” E AS PCAs NA ESCOLA

Gizele Aparecida Pereira de CASTRO<sup>1, X</sup>

(<sup>1</sup>UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil; <sup>X</sup>[gizeledecastro@yahoo.com.br](mailto:gizeledecastro@yahoo.com.br))

### RESUMO

Este estudo é um recorte de uma pesquisa de mestrado realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, ao qual foi desenvolvida em 2023, com estudantes do nono ano em uma escola do município de Contagem-MG, onde a pesquisadora é também professora, tematizando as Práticas Corporais de Aventura na escola e no território. Sobretudo, explorando as microaventuras nas aulas de Educação Física (EF). Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizada como recurso metodológico a abordagem qualitativa, a partir dos estudos da pesquisa – ação, o que consiste em analisar a própria prática docente. O estudo intencionou acessar, interpretar e problematizar quais seriam os interesses, as percepções, os sentidos e significados construídos pelos estudantes participantes da pesquisa, acerca das experiências e vivências quanto ao acesso e as possibilidades com as PCAs na escola e no território. A análise dos dados encontra-se em fase de conclusão.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar; Microaventuras; Práticas Corporais de Aventura.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte de um recorte, de uma pesquisa de mestrado do Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional (PROEF), realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Foi desenvolvida em 2023, com estudantes de uma turma do nono ano do ensino fundamental em uma escola do município de Contagem-MG, onde faço papel de pesquisadora e também professora, tematizando as Práticas Corporais de Aventura<sup>30</sup> (PCAs) na escola e no território, sobretudo, explorando as “microaventuras”<sup>31</sup> nas aulas de EF.

Mediante ao que foi encontrado na literatura, optei em adotar neste estudo, o termo Práticas Corporais de Aventura, conforme entende Cavasini, *et al.* (2016), por “dar um sentido mais sistematizado a esse conjunto de conhecimentos que, espera-se, seja incluído mais frequentemente em propostas escolares”, (CAVASINI *et al.*, 2016, *apud* TAHARA; DARIDO, p. 114, 2016).

A adoção da terminologia neste trabalho também é justificada pelas seguintes razões: primeiramente, por estar alinhada com as diretrizes e documentos oficiais da educação, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, bem como, ao documento Currículo Referência de Minas<sup>32</sup> e ao Referencial Curricular Municipal de Contagem<sup>33</sup>. Conferindo legitimidade, reconhecimento e relevância ao tratamento das

<sup>30</sup> PCAs: Nomenclatura utilizada por vários autores, e mais recentemente adotado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017).

<sup>31</sup> Microaventuras: Termo utilizado pelo professor Dr. Giuliano G. A. Pimentel, coordenador do Grupo de Estudos do Lazer (GEL/ UEM-PR), que se expandiu ao trato com as PCAs na escola e em outros espaços.

<sup>32</sup> Currículo Referência de Minas:

[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos\\_estados/documento\\_curricular\\_mg.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf).

<sup>33</sup> Referencial Curricular do município de Contagem:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKE>

Práticas Corporais de Aventura no contexto escolar. Essa conexão com as diretrizes citadas acima, demonstra uma consideração pelas particularidades e necessidades da comunidade escolar em questão.

Até então, essa terminologia não fazia parte de nenhum documento curricular, nem nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997; 2001). Para tanto, menção aos termos: esportes ou atividades na natureza, já se encontravam nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o que de alguma forma, já contemplava a inserção destas práticas no ambiente escolar. Perspectiva essa, demonstrada a seguir:

Na sociedade contemporânea assiste-se ao cultivo de atividades corporais praticadas em ambientes abertos e próximos da natureza. São exemplos dessa valorização o surfe, o alpinismo, o bice-cross, o jet-ski, entre os esportes radicais; e o montanhismo, as caminhadas, o mergulho e a exploração de cavernas, entre as atividades de lazer ecológico. (PCN, p. 40, 1997).

Para tanto, as PCAs, podem ser fruídas tanto na natureza, quanto no meio urbano, numa variedade de modalidades, algumas mais possíveis, outras menos de serem desenvolvidas nas escolas. Pois, esta, tomada de decisão, sempre estará de acordo inclusive com o espaço, materialidade e a intenção pedagógica do professor juntamente com os estudantes. Tendo em vista ao contexto natural, durante o desenvolvimento da pesquisa houve discussões em diálogo com a Educação Ambiental<sup>34</sup> (EA), consequentemente, trazendo subsídios para relacionar a EF aos preceitos da EA e ao lazer.

## Sujeitos da Pesquisa

Além de mim, como professora, os demais sujeitos participantes da pesquisa são jovens entre 15 a 17 anos, de uma turma de nono ano da referida escola, totalizando vinte e quatro (24) estudantes.

É fundamental conhecer esses jovens e o espaço-núcleo da pesquisa, onde estão inseridos, onde transitam e como se percebem na comunidade local. O que remete em dizer sobre o descaso governamental de algumas regiões nas grandes cidades, e o que isso de alguma forma, impacta na formação cidadã e de uma maneira geral na vida de todos. Dados esses, que incidem e esbarram na falta de segurança, comprometendo o alto índice de criminalidade, acesso à saúde e transportes públicos de qualidade, consequentemente interferindo nos modos distintos de viver/sobreviver, o que está diretamente atrelado à importância que cada um dá à Educação, ao lazer e à cultura.

Essas constatações coincidem com alguns apontamentos do autor Magnani (2003), onde o mesmo observou que na região estudada por ele, também periferia, as relações interpessoais são influenciadas por fatores específicos, ainda que sejam vizinhas no mesmo território, raramente se consideram amigas, preferindo se considerarem colegas. Estabelecendo, desse modo, laços sociais com base em atividades compartilhadas ou contextos específicos, como o trabalho, a escola, o lazer, entre outros. Tal preferência pode refletir uma distinção cultural ou social na concepção desses termos, talvez influenciados por normas culturais ou expectativas sociais dentro

---

[wjSu5bD2rWCAXzpZUCHU0eDisQFnoECAoQAQ&url=http%3A%2F%2Fprogramadeformacao.contagem.mg.gov.br%2Freferenciais-curriculares%2F&usg=AOvVaw1qAhenh6rH7S71qIDdff\\_M&opi=89978449](http://www.mg.gov.br/2Freferenciais-curriculares%2F&usg=AOvVaw1qAhenh6rH7S71qIDdff_M&opi=89978449).

<sup>34</sup> Ver: Ministério da Educação. Documento de Referência para o Fortalecimento da Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília-DF, 2014.

da comunidade estudada. Essa dinâmica sugere que a intimidade e a privacidade são valorizadas, e as interações sociais podem ser mais estritamente definidas por critérios específicos.

Dito isso, a escola pesquisada está situada em uma região de elevada vulnerabilidade social. A população predominantemente é de baixa renda, prevalecendo uma tipologia de moradias mais simples, e faz parte de uma comunidade que se conecta com outros bairros e vilas, próximo à instituição está o Jardim Zoológico/BH, importante espaço de cultura, lazer e educação. E devido às condições ditas acima, cada vez menos a população relatada anteriormente, usufrui desse espaço.

## A Pesquisa

A pesquisa em si, intencionou acessar, interpretar e problematizar quais seriam os interesses, as percepções, os sentidos e significados construídos pelos estudantes participantes da pesquisa, acerca das experiências e vivências quanto ao acesso e das possibilidades com as PCAs na escola e no território, especialmente dando ênfase à produção de microaventuras por parte dos estudantes como aplicação do ensino da temática. Todavia, também como instrumento avaliativo do componente curricular em questão para compor dados numéricos no boletim acadêmico (parte burocrática), na fase que se encontravam temporalmente no ano letivo (segundo trimestre de 2023).

A temática tem sido muito explorada, nos últimos anos, nos ambientes educacionais, em todos os níveis de ensino, inclusive sendo inserida nos cursos de graduação. A integração mais recente entre a universidade e a escola, e vice-versa. O que representa uma oportunidade valiosa para ampliar os debates no campo da Educação/EF, ao estabelecer diálogos e conexões mais diretas entre teoria e prática. Essa junção facilita a troca de conhecimentos e experiências entre os diferentes contextos educacionais, o que pode levar a uma postura mais coletiva e colaborativa na abordagem dos desafios pedagógicos.

A partir dessas considerações, compactuo com a opinião de Silva (2020), quando relata que essa mudança de postura profissional tem muito a ver também com os encontros entre pares de área. A autora elucida que:

Acreditamos também que esse aumento na demanda pela organização e sistematização do fazer pedagógico deu-se em virtude da aproximação e da construção coletiva que muitos docentes da área têm desenvolvido, formando grupos formais e não-formais para estudarem, refletirem e pensarem a prática pedagógica na Educação Física Escolar. (SILVA, p. 10, 2020).

Contudo, percebe-se um crescente estopim nos estudos sobre “aventura”, que identificam “as práticas ou atividades, sejam elas esportivas, educacionais ou de lazer que contêm o risco e a vertigem como elemento central de suas intencionalidades”. (PEREIRA; ARMBRUST, 2010; PEREIRA, 2020 apud PEREIRA *et al.*, p. 2020).

Para o desenvolvimento da temática, foi elaborada uma sequência didática em diálogo com os estudantes, partindo do que gostariam de estudar e vivenciar nas aulas de EF, realizada a partir de uma votação durante a aula. Para chegar nesse ponto, apresentei alguns questionamentos em forma de roda de conversa, que estivessem implicados inclusive em explorar desses jovens a parte conceitual: o que são PCAs?; quais modalidades vocês conhecem?; quais delas já praticaram?; onde e quando?; quais modalidades de PCAs vocês querem estudar e vivenciar na escola?; quais vocês

acreditam serem possíveis de vivenciar no território?; o que entendem por “Microaventuras?”.

A partir dessas, vieram outras perguntas que iam surgindo de acordo com as discussões. Consequente, a partir de um tema-problema que era além de explorar, desafiar, ressignificar e usufruir as PCAs na escola, era também o desafio e intenção: explorar e ressignificar as PCAs no território. Diante disso, a unidade didática foi desenvolvida em dois momentos diferentes, que partia em explorar, desafiar, ressignificar e usufruir as PCAs da seguinte maneira: 1) nos ambientes da escola, e; 2) no território.

Desse processo, tais situações, serviram de estímulo a “aventura” iniciada na escola para essa imersão ao território, ampliando discussões reflexivas acerca das PCAs e de outras temáticas que a envolvem.

Apresento a seguir, uma parte/amostragem da sequência didática: a exploração das microaventuras na EF, compreendendo a singularidade e riqueza dessas no chão da quadra.

### **As Microaventuras**

As “Microaventuras” foram apresentadas por Pimentel (2022) “como um método de iniciação à aventura por meio de jogos, brinquedos e brincadeiras que contenham a lógica interna da PCA”. (PIMENTEL, p. 52, 2022). Para o autor, é necessário inserir as PCAs, que necessitam de maior gestão de riscos, e que aconteçam gradualmente, utilizando recursos lúdicos, que contenham partes da lógica interna de cada modalidade a ser explorada, e assim, possam oferecer menos perigo na parte inicial.

A partir dessas considerações, destacarei a seguir a minha experiência com as microaventuras na EF, com a turma referida anteriormente. Para esse processo foram utilizadas cinco (05) aulas. A partir das discussões e atividades já vivenciadas nas aulas, a proposta de criarem microaventuras foi trazida por mim, com o intuito de ampliar as possibilidades ao tratamento e ensino das PCAs escolhidas pelos estudantes.

Solicitei aos estudantes que se dividissem por livre escolha e afinidade em grupos, o que ao final totalizou seis grupos. Retomei a explicação de início, orientando que houvesse uma pequena conversa entre eles sobre o que entenderam ser microaventuras. Logo, interroguei-os se achavam que tal prática era ou não microaventura, e por quê. Assim que houve uma melhor compreensão, pedi para que eles continuassem em grupo e tentassem elaborar um projeto em relação ao assunto, e escrevessem em uma folha para ser entregue no final da aula. Ao término do tempo estabelecido, ao recolher a atividade, percebi que não haviam realizado o que propus. Autorizei que entregassem na próxima aula.

Para rever a proposta, utilizei metade da próxima aula tirando dúvidas, e novamente, os estudantes não entregaram o registro do que havia proposto. Nesse momento, orientei para que todos fossem para a quadra, cada um em seu respectivo grupo e elaborassem a microaventura. Essa aula e a seguinte, sofreram interferências no tempo, tendo sido reduzidos pela escola, devido reunião sobre provas externas.

Os estudantes novamente não apresentaram a atividade. Para esses momentos, é necessário ser vigilante para mudanças de estratégias. Havia pensado em um plano “B”: levaria uma atividade para que se divertissem e os inspirassem. Perguntei se eu poderia apresentar uma atividade para eles, e consentiram. Conseguimos organizar em pouco tempo, utilizando carteiras, cadeiras, tatames, bolas diversas e um aparato simulador de

“*Paint Ball*”. Em virtude das indagações que fiz para que identificassem a atividade, alguns estudantes conseguiram perceber o contexto. Um deles disse que era “imitação de uma guerra”, e logo, outro disse: “parece com o *Paint Ball*!”.

Após a divisão da turma, expliquei as regras e dei o apito inicial. Os ânimos mudaram, ficaram mais empolgados com a dinâmica, e pediram para repetirem na próxima aula. Após a conversa final, sobre em transformar e criar “brincadeiras”/microaventuras, ficou mais compreensível e motivador. Falaram em materiais recicláveis e as possibilidades de aplicação com o que havia sido proposto, ressaltaram sobre a segurança e gestão de riscos.

Um estudante pediu para ver os materiais disponíveis, e foi testar com mais dois colegas dentre o que pensaram. Desta forma, na aula seguinte, colocaram a “mão na massa”. Outros ficaram somente sentados tentando se ajustar enquanto grupo, apresentando dificuldades nas tomadas de decisões e não avançaram com a proposta.

Dois grupos se sobressaltaram, “estavam a todo vapor”. O primeiro grupo elaborou um percurso para tirolesa, amarrando a corda nas duas traves, por baixo colocaram os tatames, como segurança. O segundo grupo, cortaram garrafas pets, fizeram simulador de *jetski*/patins, usaram corda e amarraram na cintura do colega, um puxando o outro. Alguns do primeiro grupo foram ajudar o terceiro grupo que não conseguia resolver o problema com a caixa de papelão, que seria um tipo de carrinho de rolimã sendo puxado, semelhante ao primeiro grupo.

O grupo da tirolesa, mesmo não tendo conseguido atravessar o percurso, ainda assim, se destacou pela organização e apoio aos colegas. Além, do interesse e da busca em resolver o desafio desde o início da proposta, durante a apreciação da microaventura elaborada, precisaram realizar um contra apoio para que a corda não abaixasse tanto. Após várias tentativas e amarrações em outro suporte, um estudante atravessou parte desse percurso deslizando. O que de algum modo, sem adentrar na questão classificatória que alguns autores nos apresentam sobre as modalidades das PCAs com os estudantes, essas estiveram presentes nas aulas, tanto as produzidas por eles quanto em outras que organizei em acordo com a turma. Como não tiveram tempo para avaliarem a aula ao final, esse detalhe aconteceu no encontro seguinte.

Perceberam que podem se divertir muito, utilizando pouca materialidade, o que demonstra que as microaventuras são acessíveis, estimulam o poder criativo e são bem dinâmicas para o ensino e à prática das modalidades de PCAs, com aprendizagem na gestão de risco e tem efeito colaborativo entre pares.

Cada grupo que elaborou e apresentou sua microaventura, teve oportunidade de vivenciar também a de outro grupo. Pedi para que criassem um nome para cada microaventura, “patenteando” à produção.

Na aula seguinte, levei uma nova microaventura, em comum acordo com os estudantes, sem saberem qual a atividade estaria os esperando: a “escalada nas aventuras”, um misto de: avante, aventura e altura. Para isso, tivemos ajuda de dois funcionários da escola dos serviços de manutenção: um segurou a escada, e outro subiu para amarrar a corda na estrutura da cobertura da quadra (em torno de 10-12 metros do chão), alguns estudantes também ajudaram na segurança com a escada.

Para iniciar a atividade, lancei um desafio: quem conseguiria escalar até o teto. Apenas três estudantes conseguiram a proeza de chegar ao ponto mais alto. Algumas poucas meninas tentaram, outras ficaram com vergonha, do mesmo modo, alguns meninos ficaram sem graça de tentarem e não conseguiram escalar o mínimo possível.

Em seguida, apresentei para eles a segunda parte: iam montar um balanço com um pneu, com ajuda de dois alunos, montamos o “balançalada” (a junção de balanço com escalada). E assim, realizamos as microaventuras na EF. Um momento rico,



divertido e prazeroso. No final da aula, agradeceram e voltaram para a sala de aula com um gostinho de querer mais.

Após essa aula, aconteceram mais quatro aulas que determinaram uma valiosa experiência, somando-se às aulas registradas nessa apresentação, demarcamos o trabalho em uma Mostra Cultural da EF, alinhada ao projeto político pedagógico e cultural da escola. Na última aula, em agradecimento homenageei meus alunos, entregando certificados pelas “patentes” das microaventuras e pela superação aos desafios. O que os deixou muito satisfeitos.

**FIGURAS:** PCAs e Microaventuras na escola



## METODOLOGIA

Para que os estudantes participassem da pesquisa, o processo e objetivo do estudo foram explicados aos mesmos que repassaram para as suas famílias. O Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) foi assinado pelos responsáveis e pelos estudantes interessados em participar da pesquisa, já o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apenas os responsáveis. Respeitando assim, os processos éticos para as pesquisas acadêmicas e científicas.

Foi utilizada no trabalho como recurso metodológico, a abordagem qualitativa, a partir dos estudos da pesquisa – ação, que consiste em analisar a própria prática pedagógica, Thiollent (1996). Entretanto, o trabalho tomou como referência para concepção da unidade didática alguns dos aportes teóricos da pedagogia de projetos de Fernando Hernández (1998).

Os projetos de trabalho partem de uma situação-problema, que procuram vincular o processo de ensino e aprendizagem aos muros além da escola. Ademais, oferecem uma alternativa à fragmentação das matérias, funcionando como propulsor em romper com a lógica do ensino disciplinar, situado em caixinhas, que por sua vez, está sobrecarregado de segmentos totalmente desconexos, só aceitos baseados na repetição e autoridade.

Consequentemente, é uma forma de se romper com o ensino tradicional, hierárquico, entre os próprios componentes curriculares, em que é notória a figura do professor como a mais importante e centralizada, ou seja, uma forma arbitrária e desconexa, como se os sujeitos aprendentes, não tivessem nenhuma bagagem de experiências. O que discordo prontamente, pois, geralmente aprendemos mais com nossos estudantes do que eles conosco.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões e os resultados estão em processo de finalização, embora, posso elencar alguns pontos. Primeiramente, os resultados foram satisfatórios, diante dos dilemas vividos durante o desenvolvimento da pesquisa, que mobilizou diversos saberes entre o campo da EF, da EA, da geografia, dos estudos sociais, além dos marcos legais, e outros.

Inicialmente, observei que, no processo de elaboração, organização e produção às microaventuras, os estudantes tiveram muitas dúvidas para compreenderem o seu significado e como podiam criá-las na escola. Entretanto, ao longo do percurso de ensino e aprendizagem sobre as PCAs, passei a ficar mais motivada com a participação da turma. Em virtude disso, houve também um esforço para sanar essa lacuna na aprendizagem. Mais de 60% dos estudantes se envolveram com as microaventuras, trazendo novas possibilidades à realidade das aulas de EF.

As meninas, no início, participaram menos, pois o sentimento de insegurança era maior do que os meninos apresentaram, sendo esta, uma categoria demarcada no estudo. Contudo, durante o processo de ensino da temática de forma geral, elas se encorajaram e se “aventuraram” nas atividades corporais que exigiam “maior risco”. Da mesma forma com o envolvimento às microaventuras, embora três delas ficassem inertes, sem organizar e produzir alguma proposta, após observarem os colegas, uma delas, se envolveu em vivenciar a microaventura do “Patinspet”.

Devido a isso, houve por parte de dois estudantes, uma mudança de postura, o que muito me surpreendeu pelo perfil que apresentavam anteriormente: demonstraram um posicionamento maduro frente aos desafios, proativos, colaborativos, incentivando e protegendo os colegas que se demoravam em experimentar a modalidade aplicada na aula, ou até nas próprias experiências com as microaventuras. Foram três grupos que conseguiram criar e apresentar as microaventuras. Portanto, esses dois estudantes relatados acima, estiveram à frente de seu grupo, auxiliando também esses com maiores dificuldades. Tendo em vista esse detalhe, os demais grupos, não souberam trabalhar em equipe inviabilizando a produção de suas microaventuras. Dessa forma, parte deles, passou a experimentar as produções dos colegas mais persistentes.

## CONCLUSÃO

A integração entre universidade e escola pode ajudar a reduzir a lacuna entre pesquisa acadêmica e aplicação prática, resultando em intervenções mais eficazes e pertinentes no contexto educacional. Tal movimento tem permitido uma transformação

profissional na área da Educação Física. Essa mudança de paradigma pode ter um impacto significativo no desenvolvimento da profissão docente, incentivando uma abordagem mais reflexiva e crítica em relação às práticas educacionais.

Sobre minha prática pedagógica, posso afirmar que no início estava mais insegura, possivelmente por não conseguir me perceber nos dois papéis (a de professora e pesquisadora), porém, durante o processo, houve uma (re) significação “interna”, a partir dos estudos, pelos desafios e na busca em solucioná-los, mesmo que coletivamente, o ser professora aprendeu a se constituir como pesquisadora.

No que concerne as microaventuras, Pimentel (2022), aponta em inserir inicialmente às modalidades de PCAs, o que atenua o sentimento de insegurança/medo e o afastamento dos estudantes ao ingressar diretamente à modalidade propriamente dita. Devido à singularidade das microaventuras, com seu caráter lúdico, acessível e transformador, causa também um empoderamento nas pessoas, passando a confiar mais em si mesmas e nos outros. O que de fato, pude observar em algumas meninas que estavam mais inseguras nas aulas.

O estudo também apontou sobre e como professores e pesquisadores têm buscado romper com a visão restrita desse componente curricular, o que vem contribuindo na expansão de novas abordagens metodológicas e didáticas, reverberando em práticas pedagógicas mais informadas e contextualizadas. Consequente, evoca uma justiça curricular, fortalecendo um campo que, abrange uma ampla gama de saberes, diferente do modo como há tempos era vista na sociedade e na escola.

Para tanto, a temática em estudo é extremamente rica, me fez compreender seu processo cultural, bem como, o da escolarização, da minha própria prática docente e das demais nuances que a trouxeram para a centralidade deste estudo. Aglutinando assim, a construção e as trilhas na composição do presente trabalho.

Essas observações destacam a complexidade das relações sociais e como elas são moldadas por uma variedade de fatores culturais, sociais e contextuais em diferentes comunidades e regiões.

Concluo que o ensino das PCAs na escola não é apenas possível, como deve fazer parte do currículo da EF. Com estudo e mobilização, os professores devem analisar juntamente com os aprendentes, quais modalidades a partir da estrutura escolar, materialidade, disposição e preferências irão estudar e vivenciar, da mesma forma quais os métodos e recursos serão utilizados.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação, 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério do Meio Ambiente. Ministério da Educação. Documento de Referência para o Fortalecimento da Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília-DF, 2014.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física – ensino de primeira à quarta série. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3ª Ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na Educação: os projetos de trabalho** – Porto Alegre: Artmed, 1998.

MAGNANI, J. G. C. **Festa No Pedaco: Cultura Popular e Lazer Na Cidade**. – 3ª Ed. – São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.



PIMENTEL, G. G. A. Microaventuras como método de ensino de práticas corporais de aventura na educação física escolar. **Rebescolar**, v. 4, p. 47-60, 2022.

PEREIRA, D. W.; ROMÃO, S. P.; CAMARGO, A. A. S. A aventura como desafio aos professores de Educação Física. **Revista Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 24, n. 3, p. 36-46, 2020.

REFERENCIAL CURRICULAR MUNICIPAL DE CONTAGEM:  
[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjSu5bD2rWCAxXzpZUCHU0eDIsQFnoECAoQAQ&url=http%3A%2F%2Fprograma.deformacao.contagem.mg.gov.br%2Fpreferenciaiscurriculares%2F&usg=AOvVaw1qAhenh6rH7S71qIDdff\\_M&opi=89978449](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjSu5bD2rWCAxXzpZUCHU0eDIsQFnoECAoQAQ&url=http%3A%2F%2Fprograma.deformacao.contagem.mg.gov.br%2Fpreferenciaiscurriculares%2F&usg=AOvVaw1qAhenh6rH7S71qIDdff_M&opi=89978449).

CURRÍCULO REFERÊNCIA DE MINAS:  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos\\_estados/documento\\_curricular\\_mg.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf).

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA. **Revista Conexões**. Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 113-136, abr./jun. 2016.

THIOLLENT, M. **METODOLOGIA DA PESQUISA-AÇÃO**. 2ª edição- Rio de Janeiro, 1986.

SILVA, C. C. da. **PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NOS ANOS INICIAIS**: a organização e a sistematização curricular nas aulas de Educação Física. 2020. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Mestrado em Rede Nacional – Proef, Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.